



A Santa Sé

JOÃO PAULO II

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 6 de Outubro de 1999

Aquele que ama conheceu a Deus porque Deus é amor

1. A conversão, de que tratámos nas catequeses precedentes, está orientada para a prática do mandamento do amor. É particularmente oportuno, neste ano do Pai, pôr em ressalto a virtude teologal da caridade, segundo a indicação da Carta Apostólica *Tertio millennio adveniente* (cf. n. 50).

O apóstolo João recomenda: "Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus e todo aquele que ama, nasceu de Deus e O conhece. Aquele que não ama, não conhece a Deus, porque Deus é amor" (1 Jo 4, 7-8).

Estas palavras sublimes, enquanto nos revelam a própria essência de Deus como mistério de caridade infinita, lançam também as bases sobre as quais se apoia a ética cristã, toda centrada no mandamento do amor. O homem é chamado a amar a Deus com um empenho total e a relacionar-se com os irmãos com uma atitude de amor, inspirado no amor de Deus. Converter-se significa converter-se ao amor.

Já no Antigo Testamento se pode captar a dinâmica profunda deste mandamento, na relação de aliança instaurada por Deus com Israel: por um lado, há a iniciativa de amor de Deus, por outro, a resposta de amor que Ele espera. Eis, por exemplo, como é apresentada a iniciativa divina no livro do Deuterónimo: "Se o Senhor vos preferiu e vos distinguiu, não foi por serdes mais numerosos do que os outros povos, pois sois o mais pequeno de todos; foi porque o Senhor vos ama" (Dt 7, 7-8). A este amor de predilecção, totalmente gratuito, corresponde o mandamento fundamental, que orienta toda a religiosidade de Israel: "Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo

o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças" (*ibid.* 6, 5).

2. O Deus que ama é um Deus que não permanece distante, mas intervém na história. Quando a Moisés revela o próprio nome, fá-lo para garantir a sua assistência amorosa no evento salvífico do Êxodo, uma assistência que durará para sempre (cf. *Êx* 3, 15). Através das palavras dos profetas, Ele recordará continuamente ao seu povo este seu gesto de amor. Lemos, por exemplo, em Jeremias: "Assim fala o Senhor: Achou graça no deserto o povo que tinha escapado da espada. Dentro em pouco, Israel gozará de repouso. De longe se me deixou ver o Senhor: Amei-te com um amor eterno. Por isso me és tão desejada!" (31, 2-3).

É um amor que assume os tons de uma "imensa ternura" (cf. *Os* 11, 8 s.; *Jr* 31, 20) e que normalmente se serve da imagem paterna, mas se exprime às vezes também com a metáfora nupcial: "Então te desposarei para sempre; desposar-te-ei conforme a justiça e o direito, com misericórdia e amor" (*Os* 2, 21, cf. vv. 18-25).

Mesmo depois de ter verificado no seu povo uma repetida infidelidade à aliança, este Deus ainda está disposto a oferecer o próprio amor, criando no homem um coração novo, que o torna capaz de acolher sem reservas a lei que lhe é dada, como lemos no profeta Jeremias: "Imprimirei a Minha lei, gravá-la-ei no seu coração" (*Jr* 31, 33). De maneira análogo, lê-se em Ezequiel: "Dar-vos-ei um coração novo e introduzirei em vós um espírito novo: arrancarei do vosso peito o coração de pedra e vos darei um coração de carne" (*Ez* 36, 26).

3. O Novo Testamento apresenta-nos esta dinâmica do amor centrada em Jesus, Filho amado pelo Pai (cf. *Jo* 3, 35; 5, 20; 10, 17), o qual se manifesta mediante Ele. Os homens participam neste amor conhecendo o Filho, ou seja, acolhendo o seu ensinamento e a sua obra redentora. Não é possível aceder ao amor do Pai senão imitando o Filho na observância dos mandamentos do Pai: "Como o Pai Me amou, também Eu vos amei; permaneci no Meu amor. Se guardardes os Meus mandamentos, permaneceréis no Meu amor, do mesmo modo que Eu tenho guardado os mandamentos de Meu Pai e permaneço no Seu amor" (*ibid.*, 15, 9-10). Tornamo-nos desse modo partícipes também no conhecimento que o Filho tem a respeito do Pai: "Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; chamei-vos amigos, porque tudo quanto ouvi de Meu Pai vo-lo dei a conhecer" (*ibid.*, v. 15).

4. O amor faz-nos entrar plenamente na vida filial de Jesus, tornando-nos filhos no Filho: "Vede com que amor nos amou o Pai, ao querer que fôssemos chamados filhos de Deus. E, de facto, somo-lo! Por isso, o mundo não nos conhece, porque não O conheceu a Ele" (*1 Jo* 3, 1). O amor transforma a vida e ilumina também o nosso conhecimento de Deus, até alcançar aquele conhecimento perfeito de que fala São Paulo: "Hoje conheço de maneira imperfeita; então conhecerei exactamente, como também sou conhecido" (*1 Cor* 13, 12).

Deve-se sublinhar a relação entre conhecimento e amor. A conversão íntima que o cristianismo

propõe, é uma autêntica experiência de Deus, no sentido indicado por Jesus, durante a última Ceia, na oração sacerdotal: "E a vida eterna consiste nisto: Que Te conheçam a Ti, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a Quem enviaste" (*Jo* 17, 3). Certamente o conhecimento de Deus tem também uma dimensão de ordem intelectual (cf. *Rm* 1, 19-20). Mas a experiência viva do Pai e do Filho realiza-se no amor, isto é, em última análise, no Espírito Santo, pois "o amor de Deus foi derramado em nossos corações, pelo Espírito Santo" (*Rm* 5, 5).

O Paráclito é Aquele, graças ao qual fazemos a experiência do amor paterno de Deus. E o efeito mais consolador da sua presença em nós é precisamente a certeza de que este amor perene e infinito, com que Deus nos amou em primeiro lugar, nunca nos abandonará: "Quem poderá separar-nos do amor de Cristo?... Porque estou certo que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem o presente, nem o futuro, nem as potestades, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, Nosso Senhor" (*ibid.*, 8, 35.38-39). O coração novo, que ama e conhece, pulsa em sintonia com Deus que ama com amor perene.

Apelo

Notícias confortadoras chegam da África Oriental. Os múltiplos e louváveis esforços da Comunidade Internacional, sobretudo da Organização dos Estados Africanos, para uma solução negociada do conflito que opõe a Eritreia à Etiópia, estão a registar os primeiros consensos. Oremos para que sejam superados os obstáculos e vencidas as desconfianças que ainda permanecem e se possa, assim, oferecer aos muitos "Países da dor" o testemunho encorajador de que a paz é sempre possível.

Saúdo cordialmente os peregrinos de língua portuguesa que se encontram aqui, de modo especial os visitantes do *Brasil* e de *Portugal*. A todos formulo votos de paz e de prosperidade em união com a vontade de Deus. Que a Virgem Santíssima conceda, pela sua intercessão junto de seu divino Filho, abundantes graças e bênçãos.

Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo!

Dirijo, por fim, um afectuoso pensamento aos *Jovens*, aos *Doentes* e aos *jovens Casais*. Amanhã a Igreja celebrará a festa de Nossa Senhora do Rosário. Outubro é o mês do Santo Rosário, que nos convida a valorizar esta oração tão querida à tradição do povo cristão. Convido-vos, caros *jovens*, a "descobrir" o Rosário como via para um encontro pessoal com Cristo. Encorajo-vos, queridos *doentes*, a crescer, graças à recitação do Rosário, no confiante abandono nas mãos de Maria. Exorto-vos, prezados *jovens esposos*, a fazer do Rosário uma

constante contemplação dos mistérios evangélicos.

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana